

# Boatos em rede social no contexto da sociedade midiaticizada

José Antônio Martinuzzo  
Marcela Tessarolo Bastos

## Introdução

O boato sempre existiu. Recuperando o contexto de François Rebelais na Idade Média e Renascimento, Bakhtin (2013) revela que as histórias fantasiosas e as palavras de duplo sentido (mentira/verdade, elogio/injúria) já faziam parte da cultura popular da época. Se o boato antes era disseminado pelo boca-a-boca ou por panfletos, na contemporaneidade ganhou contornos de difícil controle com o advento das redes sociais digitais. Como alerta Sodré (2013), a sociedade passou a ser midiaticizada, onde o que é percebido como real passa a ser cada vez mais o que é disseminado na vida digital e isso pode trazer graves consequências.

O Brasil tem um triste exemplo nessa linha. Em maio de 2014, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus foi linchada por populares, e morreu no hospital dois dias depois, após ser confundida com uma acusada de crime, a partir da circulação de falso retrato falado divulgado na *fan page* no Facebook Guarujá Alerta, no bairro Morrinhos, no Guarujá. O suposto retrato falado viralizou na internet, obtendo 139 comentários e 765 compartilhamentos. Na verdade, o retrato falado atribuído à Fabiane foi feito por policiais do Rio de Janeiro, em 2012. Na ocasião, uma mulher foi acusada de tentar roubar um bebê do colo da mãe.<sup>1</sup>

Pela potencial gravidade de seu eco midiaticizado, os boatos merecem um olhar especial nos estudos de comunicação. Intrigados pelo acontecimento do Guarujá Alerta, pesquisamos o principal exemplo desse tipo de espaço participativo no Espírito Santo, o Utilidade Capixaba – ES – UP.<sup>2</sup> Importa dizer que o grupo possui

o maior número de membros entre os seus pares: 143.1509 membros, em 20 de setembro de 2016.

Para ser seu membro, é preciso solicitar ao administrador do grupo. Após ser aceito, qualquer membro pode postar, curtir, comentar e compartilhar. O território não é anárquico. Há mediação e os comportamentos considerados indevidos são punidos com a exclusão da postagem ou do grupo. Vale destacar que o Facebook<sup>3</sup> tem 99 milhões de usuários ativos mensais no país. A própria empresa divulgou que oito em cada dez brasileiros conectados estão no Facebook.

Nesse contexto, buscamos identificar boatos publicados no grupo e analisar como se dá a negativa da informação. Por meio de etnografia, fizemos um trabalho de observação diária do grupo durante oito meses para identificação de boatos divulgados no grupo Utilidade Capixaba – ES – UP. De 01 de julho de 2015 a 29 de fevereiro de 2016, foi possível confirmar 18 casos de boatos nos dois sentidos propostos por Renard (2007a), boato como informação não verificada e boato como falsa informação. A coleta foi feita manualmente. Isso porque os *posts* originais são apagados do grupo pelos mediadores, sendo mantidas apenas as repercussões.

Vale ressaltar que o presente artigo faz parte de um estudo mais amplo sobre redes sociais digitais e os tipos de conteúdo que circulam em um grupo fechado no Facebook. Apresentaremos neste artigo os resultados a que chegamos com a coleta etnográfica e qualitativa. Para isso, faz-se necessária revisão teórica que embasou nossa pesquisa.

### **Sociedade em rede e midiaticada**

Em diálogo com avanços inauditos de tecnologias digitais de comunicação e informação, experimentamos há mais de meio século uma profunda reestruturação do capitalismo, caracterizada por mais flexibilidade e descentralização do gerenciamento das empresas, além de formação de redes internas e nas relações de mercado das organizações. Castells (1999) denomina essa nova forma de organização socioeconômica e político-cultural de “sociedade em rede”.

Para o pesquisador, a construção de redes, com fluxos de informação, é uma nova forma de organização das atividades humanas. Castells fala da ocorrência da “cultura da virtualidade real”, em que a experiência simbólica/material das pessoas é totalmente imersa em imagens virtuais, em que a aparência se torna a experiência, o “faz-de-conta vai se tornando realidade”.

Nessa linha de pensamento, Sodré (2013) alerta que nossa sociedade é midiaticada, ou seja, a percepção de realidade hoje é o que é midiaticado, essencialmente cada vez mais o que circula na internet.

Já Pierre Levy (1999: 16) chama de cibercultura o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores

que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Lemos (2003: 1) dialoga com Levy e compreende como cibercultura essa forma sociocultural que surge da “relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias”.

Nesse contexto, a sociedade em rede, midiaticizada e a cibercultura trazem mudança no entendimento de território. Há a impossibilidade de restringir a definição de território apenas ao viés geográfico, só para citar o mais corriqueiro entendimento do termo. Lemos (2007) propõe o conceito de territórios informacionais, que

são áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico. (Lemos, 2007: 14).

Assim, as mudanças na paisagem da mídia e suas implicações no dia a dia dos territórios da vida, sejam eles digitais ou presenciais, não se devem apenas à inovação tecnológica nas ferramentas de mediação, mas também e principalmente à maneira com que os utilizadores fazem uso desses instrumentos, construindo novos processos de mediação. Para Cardoso (2010), o modelo de comunicação em massa foi ultrapassado e deu lugar à comunicação em rede. Assim, passamos a consumir mídia de acordo com nossos interesses e relações. Como seres sociais, na visão de Cardoso, combinamos em rede diferentes tipos de fontes para nos comunicar, informar, agir e entreter, ou seja, nos articulamos em rede utilizando mecanismos de massa e mecanismos interpessoais.

Nesse modelo comunicacional baseado pela troca em rede, os conteúdos noticiosos e de entretenimento também são produzidos pelos utilizadores, o que altera os fluxos da comunicação. Cardoso coloca a internet, por sua capacidade de participação e interação, como umas das mídias centrais ao novo paradigma da comunicação atual. Nessa linha de pensamento, Recuero (2012: 12) aponta as redes sociais na internet como ferramentas populares e emergentes nessas novas mediações, capazes de difundir informações globalmente.

Primo (2013: 23) analisa que, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a circulação midiática era privilégio das corporações midiáticas. Sem dúvida, os meios digitais promoveram democratização dos meios de comunicação e liberdade de expressão aos cidadãos e movimentos sociais. Ao mesmo tempo que produzem conteúdo, observa-se “o incremento progressivo das ações de recirculação com links para sites jornalísticos daquelas mesmas corporações jornalísticas”.

Em estudo sobre a circulação de informações jornalísticas do Twitter, Zago (2013) destaca que uma notícia veiculada pela mídia tradicional na internet pode recircular por meio de apropriação e ressignificação do conteúdo pelos interagentes

através de comentários, por exemplo. Além disso, o uso das redes sociais no jornalismo tradicional pode se dar para postar notícias e chamadas para notícias, além de auxiliar em outras etapas do processo jornalístico, como na apuração. Zago acredita que talvez a recirculação jornalística seja a principal modificação no jornalismo provocada pelos interagentes. Nota-se que há uma potencialização da etapa da circulação jornalística, e não uma ruptura com as grandes empresas de mídia.

Outra característica desse novo cenário é apontada por Shirky (2010: 79). O autor observa que a comunicação pessoal e a publicação eram funções separadas, mas se confundem na contemporaneidade. “Uma das consequências é a quebra do velho padrão da filtragem profissional do bom em relação ao medíocre antes de publicar; agora essa filtragem é cada vez mais social e acontece após a publicação”. Assim, a internet é local de abundância de informação, mas isso não representa melhor comunicação. Nela há também espaço para crimes e boatos. Isso porque boa parte das informações que ali circulam não são confirmadas.

Antes de prosseguirmos, é necessário conceituar boato. Para Kapferer (1993: 16), o boato é a mais antiga mídia do mundo. Kapferer abandona a concepção tradicional que associa boato à falsa informação, por acreditar que a palavra boato não transparece seu conteúdo verdadeiro ou falso. “Chamaremos, portanto, de boato a emergência e a circulação no corpo social de informações que não foram ainda confirmadas publicamente pelas fontes oficiais, ou que não foram desmentidas por estas”.

Segundo Kapferer, geralmente um boato, sendo informação não-oficial, tem início fora dos canais da mídia tradicional, e é difundido “oralmente ou através de panfletos”. O autor escreveu o livro na década de 1990, antes da disseminação das redes sociais na internet. Naquela época, ele já dizia que um dos traços do boato é a sua propagação em alta velocidade. Isso porque o boato, que é uma informação, possui um valor, vale ouro. O autor justifica a disseminação de boatos: é preciso que essa informação seja esperada, imprevista, que corresponda aos anseios e temores, e que traga consequências importantes para o grupo.

Para Kapferer, muitas vezes, a mídia funciona como distribuidor de boatos por acelerá-lo e autorizá-lo. Isso porque dando espaço ao boato, a mídia aumenta a sua circulação. Muitas pessoas passam a saber do boato a partir da sua divulgação oficial. Mas, ao mesmo tempo que a mídia é uma poderosa difusora de boatos, o controle deles não pode ser feito sem ela.

Assim, o boato contesta a realidade oficial e propõe uma nova realidade. Ele não é necessariamente falso, mas é necessariamente informação não-oficial. Antes das mídias de massa, acreditava-se que o boato existia pela falta de “meios de comunicação confiáveis e controlados”, mas a coexistência de ambos mostra que o boato é uma mídia complementar, com informações paralelas.

O autor destaca também a pouca eficácia dos desmentidos dos boatos. Assim, o desmentido gera dúvidas mesmo para as pessoas que acreditaram nele. Para Kapferer

(1993: 252), o tratamento da informação no cérebro humano é cumulativo. “O que foi apreendido ficou apreendido (pelo menos a curto prazo). O desmentido não é, portanto, nunca uma retirada de uma informação, mas sim a superposição de duas informações, que só podem se somar”.

Kapferer propõe que há seis tipos de boatos, que diferem quanto ao conteúdo, à função, à origem, entre outros. O primeiro tipo é o boato que tem início com um “acontecimento que impressiona a opinião pública local”, em que as pessoas, por falta de mais informações oficiais rápidas e satisfatórias, criam sua versão pessoal e coletiva sobre o ocorrido, selecionando as hipóteses mais satisfatórias.

O segundo tipo é o boato intencional, introduzido voluntariamente para tirar proveito político de um acontecimento. Esse tipo de boato é comum próximo das eleições, por exemplo. O terceiro tipo de boato é espontâneo e parte de um detalhe, um indício que passou despercebido, com explicações sem fundamento.

O quarto tipo também parte de detalhe, mas foi introduzido no corpo social intencionalmente. O quinto tipo é o boato fruto da imaginação, que surge do nada, sem nenhum fato, sinal, detalhe que poderia dar margem a uma outra interpretação. Nascem e renascem espontaneamente. Já o sexto tipo é o chamado boato “lenda urbana”, que são transmitidas oralmente, no boca-a-boca, nas antigas gerações e entre os jovens.

Com estudos sobre boatos contemporâneos ao ambiente digital, Renard (2007b) destaca que o “fenômeno do boato é tão antigo quanto a palavra humana” e permanece até hoje como fonte de informação, apesar da existência dos meios de comunicação de massa, como o jornal impresso, o rádio, a TV e a internet. Nosso impulso é acreditar nas informações passadas em nossas relações sociais, por confiarmos no amigo e por ser humanamente impossível checar todas as informações na nossa vida cotidiana.

Como já dissemos, para Renard (2007a), o termo boato possui dois sentidos. O primeiro deles dialoga com Kapferer e define boato como informação não verificada. Se o boato, após verificado, for exato, daí passa a ser chamado informação, “um saber sobre a realidade”. O segundo tem o boato como informação falsa. Se a verificação da informação nos mostrar que a informação é inexata, trata-se de um boato no segundo sentido do termo. Para checar o grau de veracidade de um boato, o pesquisador precisa se apoiar no trabalho dos jornalistas, policiais, historiadores ou qualquer outro especialista.

Renard (2007b: 25) afirma que a internet tem um grande papel na divulgação de boatos e lendas. “O e-mail e as mensagens pelo celular exprimem a cultura oral por meio da escrita. A tecnologia reforçou a divulgação das lendas, entretanto, a internet produziu também o antídoto”, citando uma série de sites, em inglês e francês, dedicados a colecionar e negar boatos e lendas. Para o autor, “a internet, quando se fala em boatos e lendas, é o veneno e o antídoto”.

Em dissertação de mestrado intitulada “A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais”, Reule (2008: 108) afirma que são os dispositivos textuais, ou seja, os comentários dos membros, que fortalecem ou enfraquecem a disseminação de um boato como falsa informação. A autora chama de dispositivos textuais fortalecedores os comentários que reforçam e dão credibilidade ao boato. Já os dispositivos textuais enfraquecedores são aqueles comentários em que o membro da comunidade ou grupo virtual desabonam a informação, fazendo outros participantes a desacreditar na mensagem. Para Reule, “o suporte tecnológico apenas potencializa a propagação e o alcance dos boatos virtuais”. É o humano que decide o fortalecimento ou o enfraquecimento de um boato.

Como bem disse Kapferer (1993), o boato é a mais antiga mídia do mundo e é transmitido pela linguagem oral ou escrita, em uma relação entre as pessoas. Assim, o que antes era disseminado em conversas face a face ou em narrativas com suporte físico, agora ganhou também um potente canal de disseminação *on-line*. Na contemporaneidade, o boato também é em rede.

### **Objeto empírico**

Analisamos os 18 casos observados de acordo com os tipos de boatos, segundo Kapferer (1993), e pudemos categorizá-los por meio de observação empírica, negativa da imprensa e/ou membros. Dez casos foram enquadrados no primeiro tipo de boato, que têm início com um “acontecimento que impressiona a opinião pública local”, em que as pessoas, por falta de mais informações oficiais rápidas e satisfatórias, criam sua versão pessoal e coletiva sobre o ocorrido, selecionando as hipóteses mais satisfatórias. Outros três boatos coletados são do quinto tipo, que é o boato fruto da imaginação, que surge do nada, sem nenhum fato, sinal, detalhe que poderia dar margem a uma outra interpretação. Nasceram e renascem espontaneamente.

Acreditamos que dois boatos selecionados são do segundo tipo, o chamado boato intencional, introduzido voluntariamente para tirar proveito político de um acontecimento. Um boato estudado é do quarto tipo, que parte de detalhe, mas foi introduzido no corpo social intencionalmente. Por falta de indícios, por se tratar do boato como informação ainda não verificada, não tivemos como categorizar dois boatos estudados.

Vale ressaltar que não se pode afirmar que os boatos foram divulgados exclusivamente no Utilidade Capixaba – ES – UP. O grupo é marcadamente um território informacional de reverberações, às vezes de casos que aconteceram em outros locais do país e que ganham repercussão também em grupo de Facebook marcado pela territorialidade que o produz. É o boato em rede, como podemos observar a seguir na explicação dos 18 casos observados:

- Com a frase “Olha que perigo”, membro do grupo publicou foto de uma sacola transparente onde uma cobra saía de um pé de alface, em 7 de julho de 2015. O *post* não dizia onde o fato aconteceu, mas levava a crer que tinha se passado no Espírito Santo. O fato, na verdade, aconteceu em Belo Horizonte, em junho de 2014, como mostrou reportagem.<sup>4</sup>

O *post* foi apagado do grupo e o enquadrámos no primeiro tipo de boato, segundo Kapferer (1993), por ter sido iniciado com um fato que impressiona a opinião pública. Nota-se que o fato ocorreu em Minas Gerais e foi reverberado em outro Estado do país.

- Foto e história de um motoqueiro fantasma, que seria um justiceiro de Teresina, no Piauí, foram publicadas no grupo, em 15 de julho de 2015. A informação teve tanta repercussão que foi negada pela imprensa do Espírito Santo.<sup>5</sup> Importa destacar que o *post* original é do grupo de Facebook Maringá Alerta, que tem as mesmas características do Utilidade Capixaba – ES – UP.<sup>6</sup> Um *post* escapou de ser apagado pelos mediadores e permanecia no ar, em 3 de março de 2016, mesmo depois da confirmação de que o caso é um boato, feita pela imprensa. Foi possível encontrá-lo pela ferramenta de busca disponível no grupo com a palavra “justiceiro”.

Analisamos o boato como tipo cinco, fruto da imaginação, que surge do nada, já que não está ligado a nenhum fato que realmente ocorreu. Nesse caso, o *post* dizia que o fato tinha ocorrido no Piauí.

- No final de julho de 2015, boato de que uma pastelaria chinesa da cidade de Colatina, Norte do Espírito Santo, estava usando carne de cachorro ganhou grande repercussão no grupo. A informação foi postada com foto, inclusive do proprietário. O boato foi negado pela Polícia Civil, no Facebook, pela imprensa e via membros do grupo. O proprietário disse em reportagem que amarga a redução de 30% na clientela após falsa informação ganhar as redes sociais.<sup>7</sup> O caso verdadeiro aconteceu no Rio de Janeiro, em abril de 2015, como mostra reportagem da imprensa.<sup>8</sup>

Enquadrámos o caso como boato tipo um, que surge a partir de um fato ocorrido, que impressiona a opinião pública. Esse caso mostra as consequências de um boato disseminado nas redes sociais digitais após atingir o território geográfico. A vítima foi prejudicada moral e financeiramente, tendo manchada a imagem de sua pastelaria por causa de uma inverdade divulgada.

- A linha de esmaltes degradê que leva o nome da atriz Bruna Marquezine sofreu com a acusação de que o produto continha grande quantidade de chumbo e, portanto, não poderia ser usado por gestantes, em 4 de agosto de 2015.<sup>9</sup> A fabricante negou nas redes sociais digitais dois dias depois, em 6 de agosto de 2015. Ambas as versões permaneciam no ar em 3 de março de 2016.<sup>10</sup>

Analisamos o boato como tipo cinco, ou seja, fruto da imaginação do público, sem fatos que pudessem tê-lo iniciado. A acusação da falsa informação causa preocupação e comoção social, colocando em dúvida a integridade e responsabilidade da fabricante, criando uma crise de imagem para a artista que licenciou seu nome para o produto.

- Foto de dois supostos técnicos de TV a cabo, acusados de assalto, viralizou no grupo. Os rapazes procuraram a polícia. Tudo não passava de boato e a imprensa do Espírito Santo divulgou o acontecido, em 19 de agosto de 2015.<sup>11</sup> Nos comentários do *post*, havia os seguintes comentários: “Por isso que não compartilho esse tipo de foto. Acho um absurdo as pessoas compartilharem sem pesquisar. Uma moça no RJ foi morta por conta de boato. Fora outros recentes casos”.

Analisamos o boato como tipo um, ou seja, surgido a partir de um fato verdadeiro (os rapazes realmente eram técnicos de TV a cabo). Como consequência do boato, ambos foram vítimas de calúnia e difamação. Um deles chegou a dizer, na reportagem, que foi questionado pelo filho sobre o acontecido. Ainda segundo a reportagem, na época do boato, havia forte boato nas redes sociais digitais sobre falsos técnicos de TV a cabo que usavam esse disfarce para promover assaltos.

- A notícia de que crianças estavam sendo sequestradas no município de Vila Velha e, principalmente, no município da Serra ganhou repercussão por vários dias em agosto de 2015 no grupo e até mesmo na imprensa, após uma mãe chegar a prestar depoimento contando como tentaram tirar sua filha de seus braços. Reportagens começaram a ser veiculadas em 12 de agosto de 2015.<sup>12</sup> Os relatos diziam que um homem em um carro preto tentava sequestrar recém-nascidos. Era tudo boato. A mãe que prestou o depoimento, uma dona de casa de 27 anos, estava mentindo. Após ser desmascarada pela polícia, disse que divulgou a “brincadeira” nas redes sociais porque sofre de depressão devido a um aborto. Ela foi indiciada por comunicação de falso crime.<sup>13</sup> Um membro do grupo postou a informação verdadeira comentando: “Ta aí gente. Muito cuidado com o que compartilham!! Matéria está no G1 e na CBN!!!”

Analisamos o boato como tipo um, que surge a partir de um fato, no caso, a denúncia da mãe, que posteriormente foi desmascarada. O fato causou comoção social e muita preocupação nos pais e chegou a ser amplamente divulgado na imprensa, antes de ser negado pela polícia. Em nossa ética social, uma mãe, denunciando uma tentativa de sequestro, está acima de qualquer suspeita. Mas uma mãe que faz uma grave denúncia, falsa, coloca em xeque a credibilidade do cidadão comum como fonte e divulgador de “notícias” e nos faz duvidar, desconfiar do outro.

- Ainda em agosto de 2015, flagramos um *post* de uma mulher que acusava um homem de ser estuproador. A publicação tinha uma arte com fotos do acusado

e a palavra “estuprador”. O mediador apagou o *post* e ele recolocado no ar horas depois e, novamente, apagado. Isso motivou o mediador João Lopes a chamar a atenção dos membros, com o seguinte texto: “Para quem não se lembra o caso do Guarujá SP ilustra bem o que pode acontecer com o UC caso alguém venha a ser assassinado depois de uma publicação acusatória no grupo. Isso é coisa séria e quem deve resolver é o poder executivo e poder judiciário. A máquina pública serve para isso. Por esse motivo o *post* foi apagado”. Acompanhava o texto do mediador um link para reportagem do G1 sobre o caso do Guarujá Alerta, já mencionado neste artigo.

Por falta de indícios e mais informações a respeito, não há como analisar a postagem de acordo com Kapferer. Mantivemos a história por ser um boato no primeiro sentido do termo, segundo Kapferer, ou seja, uma informação que ainda não foi verificada. A grave acusação não ganhou repercussão na imprensa, apenas teve filtro social dos membros. Alguns apoiavam a divulgação e pediam providências da polícia, outros alertavam para o risco de linchamento, a exemplo do que ocorreu em Morrinhos, no Guarujá.

- Em 18 de setembro de 2015, *post* mostra foto do senador Aécio Neves comemorando a aprovação da CPMF, em 2002, como presidente da Câmara dos Deputados.<sup>14</sup> Na verdade, a foto é da eleição de Aécio Neves (PSDB) para presidente da Câmara dos Deputados, em 2001, como mostra comentário que desmente o *post* inicial, com link para Flickr (site na internet de hospedagem e partilha de fotos) do político.<sup>15</sup> Nos comentários, além dos desmentidos, muita discussão e palavras de baixo calão entre membros com inclinação política contrária.

Enquadramos o caso como o segundo tipo de boato, que é o intencional, provocado, introduzido voluntariamente para tirar proveito político, destacado por Kapferer como tipo de boato comum de acontecer próximo às eleições. Na polarização política que vive o Brasil, Aécio Neves é um de seus principais atores. Ele perdeu a eleição para Dilma Rousseff (PT), em 2014, e, desde então, faz ferrenha oposição ao PT.

- Em 2 de novembro de 2015, o dono de uma creche foi assassinado, no bairro Mestre Álvaro, na Serra. A suspeita da motivação do crime é um boato de que a vítima teria abusado sexualmente de uma criança da escola. A polícia informou que havia recebido uma denúncia de suspeita de abuso sexual de uma aluna. O caso ainda está sendo investigado, segundo informações da imprensa.<sup>16</sup> Em um comentário do *post*, um membro dizia: “Cuidado com postar boatos na net! Já deu cana quando se tratava de rapto de crianças”.

Não flagramos o *post* inicial, apenas a repercussão. Não foi possível categorizar o boato, pois a acusação de estupro que pesava contra a vítima e as motivações para o crime ainda não foram confirmadas pela polícia.

- Em 8 de novembro de 2015, *post* informa que a foto de uma criança jogando uma pedra em policial do Bope é falsa.<sup>17</sup> Trata-se de uma montagem. Um dos comentários dizia: “Malditas pessoas que ficam criando estas imagens distorcendo os fatos, nojo”.

Trata-se do tipo um de boato, ou seja, o que surge a partir de um fato que causa comoção social. Segundo o site [www.boato.org](http://www.boato.org), dedicado a negar falsas informações disseminadas na internet, o boato surgiu como reverberação da morte do menino Eduardo de Jesus, de 10 anos, morto com um tiro em frente de casa, no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, durante confronto entre traficantes e a polícia. O boato teria surgido na mesma semana da divulgação da decisão da justiça de não indiciar os policiais responsáveis pela morte do menino por considerar que o tiro foi acidental, em legítima defesa.

- Em 17 de novembro de 2015, membro postou a frase: “Alguém explica isso por favor pq não estou entendendo?????” Junto, imagem de um suposto decreto assinado pela presidente Dilma Rousseff (PT) considerando como natural o desastre da barragem em Mariana, Minas Gerais. Os próprios membros do grupo filtraram socialmente a informação. Um dos comentários dizia: “Reclamam do governo, mas a culpa de tanta besteira é desse povo que é tão facilmente manipulado. Qualquer montagem ou notícias falsas e um monte ‘cai matando’. Poucos têm discernimento!!!”

Enquadramos o caso como o segundo tipo de boato, que é o intencional, introduzido voluntariamente, a partir de um acontecimento, para tirar proveito político.

- Em 27 de novembro de 2015, a então secretária de Comunicação do município de Guarapari, Andrea Monteiro, postou reportagem da TV Guarapari que negava que a lama, proveniente da barragem da Samarco que se rompeu em Mariana, Minas Gerais, tivesse chegado ao balneário de Guarapari, Espírito Santo.<sup>18</sup>

Acreditamos que se trata do primeiro tipo de boato, que surge a partir de um acontecimento que impressiona a opinião pública, porque na época havia boatos de que a lama tinha atingido todo o litoral capixaba.

- Em 12 de dezembro de 2015, um vídeo foi postado em que um homem, sem camisa, sentado em um sofá, fala que a microcefalia em recém-nascidos seria provocada por vacina de rubéola vencida.<sup>19</sup> Nos comentários, *post* de arte do Ministério da Saúde negando a informação<sup>20</sup> e vídeo de um professor de biologia explicando por que isso é boato.<sup>21</sup> Mesmo assim, alguns membros duvidavam da informação correta. Outros, criticavam a divulgação de boatos. Um comentário diz: “As pessoas têm preguiça de pesquisar a verdade e ficam passando boatos estúpidos a torto e direito. pqp”. Outro comentário dizia: “Não acredito muito nessa história de vacina. E menos ainda na história do mosquito”.

Trata-se do primeiro tipo de boato, surgido a partir de um fato que impressiona a opinião pública e, por falta de uma explicação oficial rápida e convincente, as pessoas montam suas versões pessoais e coletivas para o fato.

- Em 15 de dezembro de 2015, uma arte com imagens de mosquito dizia que mosquitos geneticamente modificados foram soltos no Brasil em 2014 e isso seria a causa do zica vírus e da microcefalia. O filtro para o boato foi social. Um comentário dizia: “Isso não procede. Galera pesquisem no Google antes de espalhar boatos”.

Trata-se do primeiro tipo de boato, que surge de um acontecimento que impressiona a opinião pública. Por falta de explicação oficial satisfatória, o grupo seleciona hipóteses que lhe parecem mais apropriadas.

- A cantora Cláudia Leitte se envolveu numa polêmica ao ter aprovado projeto de lançamento de uma autobiografia pela Lei Rouanet. Após duras críticas pelas redes sociais digitais, a cantora anunciou que desistiu de usar a autorização do Ministério da Cultura para captar recursos para a obra. A desistência não teve o mesmo poder de disseminação. A antiga notícia reverberou por dias no grupo e continuou a circular mesmo após a divulgação da desistência. Em 18 de fevereiro de 2016, *post* informa que a notícia agora é falsa.<sup>22</sup>

Mais uma vez, trata-se do primeiro tipo de boato, surgido a partir de um acontecimento que impressiona a opinião pública. As críticas de membros das redes sociais digitais foram determinantes para a cantora desistir de usar a Lei Rouanet, mas os membros das redes sociais digitais ignoraram, por dias, a desistência da cantora.

- Em 7 de fevereiro de 2016, o deputado federal Jair Bolsonaro (PSC) publicou uma foto de um casal de crianças vestidas de policial dizendo que ela teria causado revolta dos direitos humanos; ao lado de uma foto que mostra um menino com “roupas de menina”, capa da revista Nova Escola, que ganhou prêmio de melhor capa de 2015, e nenhuma revolta.<sup>23</sup> Na verdade, a foto das crianças vestidas de policial não causou revolta dos direitos humanos. O deputado misturou um fato inverídico com um verídico e confundiu a opinião pública com discurso de inversão de valores.

Analisamos o material como quarto tipo de boato, que parte de um detalhe que passou despercebido, neste caso uma notícia verdadeira junto de uma falsa, e é disseminado deliberadamente no corpo social.

- Durante o carnaval de Salvador, um vídeo viralizou nas redes sociais. Nele, uma ambulante enchia uma garrafa de água mineral, vazia e sem rótulo, de água derretida do gelo de seu isopor. A divulgação foi feita dizendo que a ambulante vendia a água suja como mineral. A mulher foi localizada, teve filhos apreendidos pelo Conselho Tutelar e não vendeu nada no carnaval de Salvador. Quando prestou

esclarecimentos, disse que quando o bloco As Muquiranas passa os ambulantes jogam água para refrescar os foliões. Ela não vendeu a água. Apenas manteve a tradição de jogar água no bloco. A história foi tema de reportagens e foi repercutida no grupo, em 10 de fevereiro de 2016.<sup>24</sup>

Trata-se do primeiro tipo de boato, que surge a partir de um acontecimento, neste caso o vídeo que mostrava a vendedora enchendo a garrafinha com água proveniente do gelo derretido, e impressiona a opinião pública.

- Em 15 de fevereiro de 2016, publicação alerta que é falsa a informação de que o Desafio da Maternidade, no Facebook, foi organizado por uma rede de pedófilos. O desafio faz o estilo de uma corrente, em que as amigas marcam outras amigas, que são mães, na rede social e as desafiam a postar três fotos mostrando o motivo de serem felizes sendo mães. O *post* dizia: “Vamos pesquisar antes de compartilhar”? Junto, trazia imagem da publicação original dizendo que o desafio era organizado por uma rede de pedófilos, segundo informações do Conselho Tutelar. O *post* também trazia link para reportagem negando o boato.<sup>25</sup> Dias depois, outro *post*, em 18 de fevereiro, avisa que a Rádio CBN informou que era boato.

Analisamos o caso como o quinto tipo de boato, segundo Kapferer, ou seja, o que surge do nada, sem nenhum detalhe que possa ter dado margem à falsa interpretação.

## **Conclusão**

A partir do conceito de boato de Kapferer, podemos afirmar que grande parte das informações que circulam em grupos fechados nas redes sociais de internet são, potencialmente, boatos, por não haver confirmação de fontes consagradas eticamente como as porta-vozes da verdade. Muitas vezes, a mídia tradicional traz reportagens desmentindo os boatos ouvindo fontes oficiais, trazendo o boato como informação falsa após a verificação da informação, conferindo o segundo sentido do termo indicado por Renard (2007a).

Outras vezes, o filtro é social, feito pelos próprios membros das redes sociais na internet, e acontece após a publicação, como observou Shirky (2010). O que Shirky chama de filtro social, Reule (2008) chama de dispositivos textuais enfraquecedores.

Geralmente, os temas dos boatos provocam comoção, preocupação e/ou podem ter consequências graves. Nota-se que, nesses casos, o administrador da página retira do ar o *post* inicial, mas mantém as repercussões.

Os boatos em rede, disseminados na sociedade midiaticizada, podem trazer graves consequências. Além disso, como se percebe pelo estudo empírico e pelo referencial teórico apresentado, a localização de boatos e sua exclusão não são suficientes para acabar com sua ocorrência no grupo em que se entra voluntariamente. Assim, é difícil a negativa de um boato.

Como Kapferer disse, a mídia tem papel fundamental para a negativa dos boatos. Faz-se necessário um estudo mais aprofundado da relação da mídia com os boatos na sociedade midiaticizada

*José Antonio Martinuzzo*  
Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
martinuzzo@hotmail.com

*Marcela Tassarolo Bastos*  
Mestre pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
marcela.tassarolo@gmail.com

Recebido em março de 2017.

Aceito em agosto de 2017.

### **Notas**

1. Cf. [http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-morta-apos-ser- linchada-pode- virar-nome-de-lei-no-congresso.html](http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-morta-apos-ser-linchada-pode- virar-nome-de-lei-no-congresso.html). Acesso: 10 out. 2015.
2. Cf. <https://www.facebook.com/groups/utilidadecapixabaesup/>. Acesso: 09 nov. 2015.
3. Cf. <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados- do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>. Acesso em: 27 mai. 2016.
4. Cf. <http://www.94fmdourados.com.br/noticias/brasil/mulher-encontra-filhote-de- cobra-em-pacote-de-alface>. Acesso: 03 mar. 2016.
5. Cf. [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2015/07/noticias/brasil/3902897- motoqueiro-fantasma-que-atuaria-como-justiceiro-em-teresina-nao-existe-segundo- a-policia.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2015/07/noticias/brasil/3902897- motoqueiro-fantasma-que-atuaria-como-justiceiro-em-teresina-nao-existe-segundo- a-policia.html). Acesso: 03 mar. 2016.
6. Cf. <https://www.facebook.com/maringaalertaoficial/photos/pcb.873143552741574 /873143399408256/?type=1>. Acesso: 03 mar. 2016.
7. Cf. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=683263685107896&set=a.277211 202379815.46768.100002728138306&type=1>. Acesso: 03 mar. 2016.
8. Cf. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/mpt- investiga-pastelaria-por- uso-de-carne-de-cachorro-e-trabalho-escravo.html>. Acesso: 03 mar. 2016.
9. Cf. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=944204082304223&set=a.105988 986125741.3944.100001439195257&type=1&theater>. Acesso: 03 mar. 2016.
10. Cf. <https://www.facebook.com/Mylcedro/photos/a.279905525414439.65206.212 425602162432/907223786015940/?type=1>. Acesso: 03 mar. 2016.
11. Cf. [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2015/08/noticias/cidades/3906228- vitimas-de-boato-sobre-assaltos-tecnicos-de-tv-procuram-a-policia.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2015/08/noticias/cidades/3906228- vitimas-de-boato-sobre-assaltos-tecnicos-de-tv-procuram-a-policia.html). Acesso: 03 mar. 2016.
12. Cf. <http://m.folhavoria.com.br/policia/noticia/2015/08/policia- investiga-suposta- quadrilha-de-sequestradores-de-criancas-na-serra.html>. Acesso: 03 mar. 2016.

13. Cf. [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2015/08/noticias/cidades/3907018-mulher-e-indiciada-por-dar-inicio-a-onda-de-boatos-de-sequestro-na-serra.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2015/08/noticias/cidades/3907018-mulher-e-indiciada-por-dar-inicio-a-onda-de-boatos-de-sequestro-na-serra.html). Acesso: 03 mar. 2016.
14. Cf. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1646624195617588&set=gm.1001790639859447&type=3>. Acesso: 03 mar. 2016.
15. Cf. <https://www.flickr.com/photos/aecioneves/8361474543/in/album-72157632590679872/>. Acesso: 03 mar. 2016.
16. Cf. [http://agazeta.redegazeta.com.br/\\_conteudo/2015/11/noticias/cidades/3913480-dono-de-creche-e-morto-a-tiros-na-frente-da-esposa-na-serra.html](http://agazeta.redegazeta.com.br/_conteudo/2015/11/noticias/cidades/3913480-dono-de-creche-e-morto-a-tiros-na-frente-da-esposa-na-serra.html). Acesso: 04 mar. 2016.
17. Cf. <http://www.boatos.org/crimes/foto-de-crianca-jogando-pedra-em-policial-do-bope-e-falsa.html>. Acesso: 04 mar. 2016.
18. Cf. <https://www.facebook.com/190893557623589/videos/1012609512118652/>. Acesso: 04 mar. 2016.
19. Cf. <https://www.facebook.com/100010065960486/videos/187807501564781/>. Acesso: 04 mar. 2016.
20. Cf. <https://www.facebook.com/minsaude/photos/a.205936522758305.51623.175330465818911/1126990507319564/?type=3&theater>. Acesso: 04 mar. 2016.
21. Cf. <https://www.facebook.com/biologijubilut/videos/1169979293084430/>. Acesso: 04 mar. 2016.
22. Cf. <http://www.boatos.org/entretenimento/claudia-leitte-ganhou-r-356-mil-para-lancar-livro.html>. Acesso: 04 mar. 2016.
23. Cf. <http://www.e-farsas.com/foto-criancas-fardadas-causou-revolta-nos-direitos-humanos.html>. Acesso: 04 mar. 2016.
24. Cf. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1227640677250694&set=pcb.1227640810584014&type=3>. Acesso: 04 mar. 2016.
25. Cf. <http://www.boatos.org/tecnologia/desafio-da-maternidade-foi-criado-por-pedofilos.html>. Acesso: 04 mar. 2016.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebais*. São Paulo: Hucitec, 2013.
- CARDOSO, Gustavo. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade da informação. In: MORAES, Dênis (Org). *Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- KAPFERER, Jean-Noël. *Boatos: o mais antigo mídia do mundo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- LEMONS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: CUNHA, Paulo (Org.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibercultura.pdf>.

- \_\_\_\_\_. *Mídias Locativas e Territórios Informacionais*. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia\\_locativa.pdf](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf).
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: Controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 13-32.
- RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: efeitos da difusão de informações nos sites de rede social. In: VIZER, Eduardo (Org.). *Lo que McLuhan no previu*. 1.ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- RENARD, Jean Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 32, abr./2007a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3421/2684>. Acesso em: 8 abr. 2016.
- \_\_\_\_\_. Você já sabe da última? In: *PUCRS Informação*, Porto Alegre, n. 133, p. 24-25, mar/abr. 2007b. Entrevista concedida a Mariana Vicili. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/6544>. Acesso em: 8 abr. 2016.
- REULE, Danielle Sandri. *A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais*. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SHIRKY, Clay. *Eles vêm aí*. Lisboa: Actual Editora, 2010.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ZAGO, Gabriela da Silva. Da Circulação à Recirculação Jornalística: filtro e comentário de notícias por interagentes no Twitter. In: PRIMO, Alex (org). *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 211-231.

## **Resumo**

Este artigo deriva de uma pesquisa mais ampla sobre redes sociais digitais e o tipo de informação que circula em grupos fechados no Facebook. Os boatos disseminados em rede nos chamaram a atenção e fomos tentar identificá-los, categorizá-los de acordo com os tipos de boatos propostos por Kapferer (1993), além de observar como se dá uma possível reparação do erro de difusão de informação não confirmada. Por meio de etnografia, fizemos um trabalho de observação diária no grupo fechado no Facebook, o Utilidade Capixaba – ES – UP. Em oito meses, foi possível confirmar 18 casos de boatos nos dois sentidos propostos por Renard (2007a), boato como informação não verificada e boato como falsa informação. Nota-se que o administrador da página retira do ar o *post* inicial, mas mantém as repercussões. Os próprios membros postam a informação correta no grupo, o chamado “filtro social”, observado por Clay Shirky (2010).

## **Palavras-chave**

Redes digitais. Facebook. Boatos. Mídia-tização. Comunicação.

## **Abstract**

This article is part of a wider research about digital social networks and the type of information circulating in closed groups on Facebook. Hoaxes circulating in the network caught our attention and we tried to identify them, categorizing them according to the types of hoaxes proposed by Kapferer (1993), and to observe how is possible a reparation of an error in diffusion of unconfirmed information. Through ethnography, we did a daily observation work in the closed group on Facebook, the Utilidade Capixaba - ES - UP. In eight months, it was possible to confirm 18 cases of hoaxes in two directions proposed by Renard (2007a), hoax as unverified information and hoax as false information. We notice that the page's administrator removes the initial post, maintaining the repercussions. The members post the correct information in the group, the so-called “social filter,” observed by Clay Shirky (2010).

## **Keywords**

Digital networks. Facebook. Hoaxes. Mediatization. Communication.